

As Prosas de Montalvor

Arnaldo Saraiva

Universidade do Porto

Resumo: Já há muito se fala no efeito de “secagem” que o génio de Pessoa e, embora bem menos, os de Sá-Carneiro e de Almada tiveram sobre outros companheiros da geração de *Orpheu*. Quase um século depois da sua constituição é gritante o silêncio que pesa sobre alguma produção de alguns dos seus membros – nem estudos nem edições. De Luís de Montalvor, que morreu há 65 anos, e que foi o idealizador e primeiro director português da mais famosa revista literária portuguesa, só em 1998 pude publicar o *Livro de Poemas*. Mas até hoje nunca ninguém reuniu ou estudou as aliás pouco numerosas prosas que ele deixou em jornais e revistas. Incidindo sobre poetas (Pessoa, Sá-Carneiro, Ronald de Carvalho, João de Castro Osório...) ou sobre a decadência, sobre a arte indígena ou sobre a arte do livro (e sobre questões de direito editorial), sobre a *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto ou sobre o regime republicano, essas prosas são fundamentais para avaliar a personalidade humana e literária daquele que, segundo Pessoa, foi o modernista “mais próximo dos simbolistas”.

Palavras-chave: Luís de Montalvor; *Orpheu*; obra inédita.

Abstract: The fact that the genius of Pessoa and, to a far lesser extent, of Sá-Carneiro and Almada has “dried up” other companions of the *Orpheu* generation has been commented on for a long time. Almost a century after its constitution, the silence which has fallen over the production of some of its members – neither studies nor editions – is glaring. Of Luís de Montalvor, who died 65 years ago, and who was responsible for conceiving and the director of the most famous Portuguese literary journal, I managed to publish the *Livro de Poemas* only in 1998. But to this day no-one has collected or studied the prose pieces he left in magazines and newspapers. Focusing on poets (Pessoa, Sá-Carneiro, Ronald de Carvalho, João de Castro Osório...) or on decadence, on indigenous art or on the art of the book (and on matters of copyright law), on Fernão Mendes

Pinto's *Peregrinação* or on the republican regime, those pieces are crucial for an appreciation of the human and literary personality of the author who, according to Pessoa, was "the one closest to the symbolists" of all modernists.

Keywords: Luís de Montalvor; *Orpheu*; unpublished work.

Já em tempos assinalei que quase todos os homens do *Orpheu* tiveram de passar por excepcionais experiências trágicas ou dramáticas (cf. Saraiva 1983: 9-14). Mas dir-se-ia que a má sorte continuou a perseguir alguns deles até depois da morte. Foi o caso de Luís de Montalvor, que, falecido em 1947, só a bem dizer em 1998 teve os seus poemas (dispersos) coligidos (cf. Montalvor/Saraiva 1998),¹ não tendo as suas prosas suscitado até hoje a atenção de ninguém.

Ninguém se deu sequer ao trabalho de as inventariar; e não sabemos se o bom leitor que era Óscar Lopes as leu todas para poder formular este juízo global e infeliz, até na gramática: "Como articulista [*sic*], além da introdução a *Orpheu* apenas merece algum relevo a "Tentativa de um ensaio sobre a decadência" (Lopes 1987: 582). A avaliar pelo que vem em muitas histórias e ensaios, parece que Montalvor não teria escrito realmente mais do que esses dois textos em prosa, apesar de Petrus ter reunido 4 no volume *Poemas* (cf. Montalvor/Petrus 1960: 61-77); aliás, nas quatro colunas que Manuela Parreira da Silva dedicou a Montalvor no recente *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português* só o segundo é referido (cf. Silva 2008: 486-487);² diga-se de passagem que Óscar Lopes se referiu a *A Noite de Satan* (1911) e *A Caminho* (1912) como obras "em moldes apagadamente tradicionais", o que Manuela Parreira da Silva converteu em "poesia de feição tradicionalista"; não sabemos o que autorizou tal classificação para essas obras, que, referidas em bibliografias, há umitas décadas não são vistas em qualquer biblioteca, conhecendo-se apenas o fragmento (?) publicado por Petrus, "A Vida", que faria parte, possivelmente, de *A Caminho*.

Mas há sem dúvida, além das citadas, prosas (não só ou não exactamente "artigos") de Montalvor que não precisamos de imaginar ou de julgar por outrem, já que, embora

dispersas, estão mais ou menos acessíveis em livros, em revistas e em jornais. Até hoje, inventariei as seguintes:

- 1 – “Introdução” [a *Orpheu*]
Orpheu, n.º 1, Jan.º – Fevº – Março, 1915
- 2 – “Tentativa de um Ensaio sobre a Decadência”
Centauro, n.º 1, Outº – Novº, 1916
- 3 – “Ronald de Carvalho”
Atlântida, n.º 14, 15 de Dezembro de 1916
- 4 – “A Exposição Ibero-americana de Sevilha”
O Imparcial, 19 de Maio de 1927
- 5 – “Elogio da Monotonia”
O Imparcial, 14 de Junho de 1927
- 6 – “Advertência” [sobre o regime republicano em Portugal]
História do Regime Republicano em Portugal
(2 vols., Lisboa, Empresa Editorial, 1930-32, pp. 5-8)
- 7 – *Arte Indígena Portuguesa* [Prefácio]
Arte Indígena Portuguesa
(em col. com Diogo Macedo)
Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1934
- 8 – “Um Poeta que Morre – Ronald de Carvalho”
Diário de Lisboa, 22 de Fevereiro de 1935
- 9 – [Palavras pronunciadas no enterro de Fernando Pessoa]
Diário de Notícias, 2 de Dezembro de 1935
- 10 – “Para o Túmulo de Fernando Pessoa – Breve Ensaio sobre o Perfil da sua Eternidade”
Presença, n.º 48, Julho de 1936, pp. 7-8
- 11 – “O *Cancioneiro Sentimental* – Uma Definição do Lirismo”
Diário de Lisboa, 25 de Setembro de 1936
- 12 – “Resposta ao Sr. Adolfo Casais Monteiro”
Seara Nova, n.º 782, 8 de Agosto de 1942
- 13 – “A Arte do Livro”
Panorama, n.º 15-16, Julho de 1943

- 14 – “Nota editorial” [sobre a *Vida de Jesus* de Plínio Salgado]
Vida de Jesus
Lisboa, Ática, 1943 (2.^a ed., 1944)
- 15 – “Inquérito ao Livro em Portugal – A Arte do Livro”
Seara Nova, n.º 879, 17 de Junho de 1944
- 16 – “Breve Nota Editorial” [sobre Fernão Mendes Pinto e sua obra]
A Ilha Maravilhosa de Caleplui
Lisboa, Editora Ática, 1944, pp. 5-7
- 17 – “Os 30 Anos do *Orpheu* ou a Revolução Literária de 1915”
República, 20 de Maio de 1945
- 18 – “Nota Editorial” [sobre Mário de Sá-Carneiro]
A Confissão de Lúcio
Lisboa, Editora Ática, 1945

Em colaboração com João Gaspar Simões, que os deu como da sua autoria:³

- 1 – “Nota Explicativa da Primeira Edição” [de *Poesias* de Fernando Pessoa]
Lisboa, Editora Ática, 1944
- 2 – “Nota Explicativa” [de *Poemas* de Alberto Caeiro]
Lisboa, Editora Ática, 1946.

Este inventário contempla só as prosas crítico-ensaísticas de Montalvor,⁴ a que noutra ocasião deverá juntar-se o inventário ou os inventários de prosas de distinto teor: cartas, entrevistas e dedicatórias. Mas os textos inventariados e a sua história ou a da sua publicação justificam algumas reflexões, mesmo que breves.

Publicados entre 1915 e 1945 – ao longo de exactamente 30 anos –, em revista (7), em jornal (6) e em livro (5, ou 7, se contarmos as “notas explicativas” pessoais), os textos denunciam um prosador quase bissexto, como aliás era o poeta, que em média escreveu menos do que um texto por ano. Na realidade, a produção foi irregular: se publicou 2 textos nos anos de 1916, 1927, 1935, 1936, 1943, 1944, ele não publicou nenhum texto em 1916-1927, nem nos anos 1927-1932, 1936-1943, 1946 e 1947. As razões da escassez de textos e da irregularidade da sua produção podem ser diversas, desde as perturbações

familiares à desorganização e à preguiça ou ao desleixo de que alguns dos amigos de Montalvor, a começar por Mário de Sá-Carneiro, se deram conta. Mas não deve descartar-se a inibição ou os sucessivos adiamentos ditados pelo seu evidente pendor perfeccionista, nem o gosto decadentista que o mobilizava para a arte da vida não menos do que para a vida na arte.

Percorrendo os 18 textos inventariados, vemos que 3 incidem sobre Fernando Pessoa, um deles relativo à questão da edição da sua obra, 2 sobre o *Orpheu*, 2 sobre Ronald de Carvalho, 2 sobre questões do livro, incidindo os outros sobre João de Castro Osório, sobre Mário de Sá-Carneiro, sobre Fernão Mendes Pinto, sobre Plínio Salgado (ou a sua *Vida de Jesus*), sobre a arte indígena, sobre a decadência, sobre a monotonia, sobre a República portuguesa, e sobre uma exposição ibero-americana de Sevilha. Mas os textos repartem-se por diversas modalidades ou espécies: há ensaios propriamente ditos, de maior ou menor fôlego, como o que se chama “Tentativa de um Ensaio sobre a Decadência”, ou o que analisa o *Cancioneiro Sentimental*, a arte do livro, a monotonia; há elogios fúnebres, evocações, memórias (de Pessoa, de Ronald de Carvalho, do *Orpheu*); há uma carta ou uma polémica (com Casais Monteiro); há um simples artigo ou uma anotação (sobre a exposição de Sevilha); há uma espécie de manifesto (a introdução a *Orpheu* n.º 1); e há verdadeiras introduções ou prefácios (a obras de Fernão Mendes Pinto, Mário de Sá-Carneiro, Plínio Salgado).

O interesse dos textos é desigual. O primeiro, a introdução a *Orpheu*, talvez escrito à pressa para corresponder aos apelos urgentes de Sá-Carneiro, que também teria de reclamar “Narciso”, não parece adequado à revista, porque lhe falta a “vida e palpitação” que ele próprio reclamava para ela, porque está redigido num português indigente, repetitivo (até na proposição “em”), torto e confuso, independentemente de alguma gralha (“maneiras de formas de realizar arte” talvez fosse “maneiras e formas”...), e porque tanto pela negativa como pela positiva pouco ou nada adianta a teorias decadentistas e nefelibatas. Na verdade, as proposições (“propor-se”, “propondo-se”, “propósito”), intenções (“suas intenções”, “tentamos”) ou pretensões (“nossa pretensão”) de que dá conta apontam apenas o que haverá de raro, selecto, distinto e elevado na “obra literária de

Orpheu”, revista e grupo que, vendo-se “como os primeiros que somos em nosso meio”, se guia por um “princípio aristocrático”, cumpre um “destino de Beleza” ou de “Exílio” e vai ao encontro de “desejos de bom gosto e refinados propósitos em arte”.

“Tentativa de um Ensaio sobre a Decadência” saiu em 1916 na revista *Centauro* que, morto prematuramente o *Orpheu*, Montalvor criou e dirigiu – afinal um só número – para com a sua “índole estranha e rara, publicar trabalhos que constituam, [sic] uma revelação da Beleza”, como diz uma nota inicial. Falando em nome colectivo, o autor define os da sua geração ou família estética como “descendentes de um século da Decadência”, mas logo adianta que “toda a grande arte é decadente”, e que “todos os séculos foram e serão decadentes”, só que varia a sua psicologia e a consciência da decadência, agora aguda e reconfortada no conceito de decadência como exílio da Beleza (maiusculada) e abertura à dor de todos os tempos, ou como moral que não se confunde com a comum moral humana, pois é só a da Beleza, e como realização superior ou suprema do ser: “o sistema nervoso de todas as sensações, de todas as emoções, de todos os pensamentos”...; “ser-se, enfim, todos sem ser o que todos são, que é o que é superior ao que são todos...”.

Esta última teoria poderia denunciar já a leitura de Pessoa ou de Álvaro de Campos, que publicara a “Ode Triunfal” no primeiro número de *Orpheu*; mas a teoria geral da decadência – que também teve repercussões em Pessoa, e em especial Sá-Carneiro (lembrem-se “O Lord” e as “7 Canções do Declínio”) – vinha-lhe naturalmente da França, onde desde o início dos anos 80 os filhos de Baudelaire, Verlaine, Mallarmé privilegiavam, com a ajuda de críticos como Paul Bourget, os termos “décadence” e “décadent”, veiculavam, contra naturalistas, realistas e positivistas, visões pessimistas, vagas ou fluidas do mundo e da vida, gostavam de se afirmar por distâncias aristocráticas, de se abrir ao imaginário e ao simbólico, ao exótico e ao esotérico, esmerando-se no requinte ou no refinamento conceptual e formal, e perseguindo o absoluto da beleza ou da arte que levara Oscar Wilde a dizer: “Life imitates art far more than art imitates life”.

Não é por acaso que o ensaio contém citações em francês, até de Shakespeare, e faz o elogio do simbolismo. Aliás, não falta quem veja no pensamento e na poesia de Montalvor um maior compromisso com o simbolismo do que com o modernismo. E no “Elogio da

Monotonia”, publicado n’*O Imparcial* de 14 de Junho de 1927, ele ousou enfrentar dogmas do modernismo em geral e do futurismo em especial – o da importância da acção, do movimento e da velocidade, do progresso e das viagens. Para ele, a melhor viagem só pode ser a “viagem imaginária”; o progresso não passa de “mera ficção”, “na Maratona da vida ganham os que estão parados”, não há melhor lugar do que o “pequeno espaço” do “repouso criador”, e é só a “solidão” do canto que permite “o conhecimento quotidiano da vida”.

Também não por acaso foram poetas claramente marcados pelas estéticas finisseculares – decadentes, nefelibatas, simbolistas – que suscitaram individualmente a atenção crítica de Montalvor. No texto também de 1916 sobre Ronald de Carvalho, que qualifica como “poeta de essência superior”, assinala, em prosa tendencialmente vaga e *artiste*, sem recurso a citações, “o seu talento de emigrado”, o vago, o irreal, o artifício, o sentido oculto e o virtuosismo da sua arte.

No texto que lhe inspirou a morte accidental de Ronald de Carvalho em 1935 – ano da morte de Pessoa, de que também fez o elogio fúnebre –, além de evocar o seu convívio de 3 anos, com “reciprocidade espiritual”, a sua conversa envolvente, a “íntima analogia” entre o artista e a pessoa humana, ele volta a distinguir o vago e o irreal da sua poesia, mas associando-lhe estranhamente outro “elemento estético”: o heróico.

No *Cancioneiro Sentimental* de João de Castro Osório vê Montalvor o pretexto para teorizar sobre o lirismo, que define como “representante das forças dramáticas e ocultas da alma”, e que dá como “um estilo humano de exaltação”, considerando no entanto que o lirismo de Castro Osório é “simultaneamente emotivo e intelectual”, vive do equilíbrio entre “a vida dos sentimentos e a vida das ideias” e sabe conjugar a visão de superfície com a visão de fundo, ao serviço de uma “nova estética” que promove a “redenção humana pelo amor”.

Já na “nota editorial” sobre *A Confissão de Lúcio* a definição que propõe é a do modernismo, que considera um “estilo de espírito e de vida criadores que no espaço e no tempo se distingue por aquela apetência exacerbadora do novo”. Para Montalvor, o “ímpeto e furor” da novidade fazem de Sá-Carneiro um dos mais representativos modernistas,

também porque nele há “um apelo ao domínio do inconsciente” e “um insistente móbil de se furtar à realidade”, preferindo a “realidade imaginária” ou a “realidade inverosímil”.

A reflexão sobre o modernismo, “espécie de vocábulo aventureiro”, está também no início do texto sobre os 30 anos do *Orpheu*. Mais do que uma página de memórias ou uma biografia da época, “desde há muito feita”, esse texto vale como uma análise da “corrente”, criada por “insurrectos” que, inconformados com a esterilidade de “duas ou três gerações anteriores”, formaram um grupo que era um “concerto” ou um “feixe” de individualidades, com “um estilo de pensamento” e “um ideário de arte”, empenhadas em “inserir no homem português (...) aquela espécie de contemporaneidade com o fluir do mundo”.

As palavras que Montalvor terá pronunciado no enterro de Pessoa, e que recebemos pelas reportagens do *Diário de Lisboa* e do *Diário de Notícias*, não constituíram um típico elogio fúnebre, até porque foram muito breves, talvez para justificarem o ponto de partida: “Preferível fora o silêncio”. Em nome dos “que foram pares com ele no convívio da sua Beleza”, dos “seus companheiros de *Orpheu*”, dos “seus irmãos, do mesmo sangue ideal da sua Beleza”, limita-se a celebrar, sem alusões concretas à sua produção nem citações, o homem que a morte roubou, roubando “o prodígio do seu convívio e da graça da sua presença humana”, e a sublinhar “a estatura do seu espírito”, rematando com esta frase anti-hamletiana e enigmática: “O resto é como o génio de Fernando Pessoa”.

Bem mais extenso, o elogio de Pessoa que publicou em 1936 na *presença* demora-se na reflexão, vaga ou genérica, com tiques ou requintes de esteta decadentista e esotérico, sobre as “forças desconhecidas” que governam a vida, e que trabalharam “o génio da Beleza que viveu em Fernando Pessoa”. Pontuado de referências a Deuses, ao Destino, à Beleza, ao Absoluto, etc., só na última parte se detém sobre Pessoa e a significação dos seus heterónimos, terminando com a afirmação indesmentível de que “verdadeiramente, ele é o único poeta dos seus poetas”.

Pessoa comparece noutro texto de Montalvor mas com muito distintas motivações. Trata-se de uma carta aberta publicada na *Seara Nova* em Agosto de 1942 dirigida a Casais Monteiro, que aliás transcreve outra carta particular para o mesmo destinatário. Carta polémica, ela responde ao ataque feito a Montalvor no número anterior da *Seara Nova* por

Adolfo Casais Monteiro, que o acusava de ser mais comerciante do que amigo de Fernando Pessoa, por ter pedido judicialmente a apreensão da antologia de poemas pessoanos que, organizada por Jaime Cortesão Casimiro e por Eduardo Calvet de Magalhães, ele prefaciara. A resposta de Montalvor, que havia anos se comprometera perante a família de Pessoa a coligir, com João Gaspar Simões, e a editar pela Ática a sua obra, e que pedira a Casais para convencer os seus dois amigos a só editar a antologia 15 dias depois da publicação do primeiro volume que ele e Gaspar Simões já tinham preparado, não consegue manter a elegância de linguagem ou de modos que o distinguiam; devolve a Casais a acusação da ofensa a Pessoa, por ele ter estimulado e apadrinhado “uma obra defeituosa, precária, incompleta, um verdadeiro monstrozinho”, e não se coíbe de lhe dizer: “O senhor foi Judas! Enforque-se e depressa”. Casais defender-se-ia no n.º 784 da *Seara Nova*, onde volta a assinalar as responsabilidades e irresponsabilidades editoriais de Montalvor.

A actividade e a experiência do editor Luís de Montalvor é que determinaram a produção de outras prosas suas: se João Gaspar Simões disse serem da sua autoria as “notas explicativas” ou prefácios às duas primeiras edições da poesia de Pessoa, que apareceram assinados também por Luís de Montalvor, são só da autoria deste as introduções a outros livros que editou com invulgar cuidado e até requinte gráfico, a saber:

– *História do Regime Republicano em Portugal*, que Montalvor justifica pela importância que para os povos tem “a lição e experiência do passado” e pelo facto de estar por fazer a história do regime republicano português, em que vê alguns erros, exagerados ou multiplicados por inimigos da Democracia, mas em que sublinha “o lucro ganho de liberdades comuns usufruídas, de influências espirituais, de uma realidade de perfeição social” (lembre-se a propósito que Montalvor terá sido secretário de Bernardino Machado, que era ou passava por ser seu padrinho);

– *Arte Indígena Portuguesa*, obra que co-organizou com Diogo de Macedo; de salientar a sua teoria ou concepção da arte indígena como “arte livre”, que nada tem a ver com a arte ocidental, e como expressão da “mais íntima e viva fraternidade”, que pode ser “primitiva” mas de modo nenhum é “bárbara”;

– *Vida de Jesus* de Plínio Salgado; o prefácio faz o elogio do autor, “político, sociólogo, historiador, homem de acção e de espírito”, e da “obra notabilíssima e excepcional” que escreveu em Portugal, e em que supera as leis do género e estabelece relações entre a época de Jesus e a actual;

– *A Ilha Maravilhosa de Calemplui*, narrativa das aventuras protagonizadas por António de Faria retirada da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, que o Anuário do Brasil tinha publicado em 1921; o prefácio também faz o elogio do autor – que dá como “homem afeito e dotado para as grandes experiencializações da vida”, “homem singularíssimo, impregnado do clima moral português de quinhentos”, com “larga visão humanista”, “soldado prático da grande milícia da humanidade, que junta ao fervor do ideal a aptidão do juízo crítico” – e da obra, em que sublinha o “pulcro realismo”, o “carácter de modernidade”, o “apelo à convivência do heróico, a sugestão, pelo próprio do entrecho romanesco, do ambiente aventureiro e maravilhoso”.

O sentido patriótico que discretamente aflora na “nota editorial” sobre Fernão Mendes Pinto manifestava-se abertamente, tal como o empenhamento cultural e artístico, na nota de 1927 sobre “a exposição ibero-americana de Sevilha”, onde Montalvor quer ver bem representado “o papel histórico de Portugal”, porque “não estamos mortos nem somos indiferentes à nossa missão civilizadora”. Mas é o seu gosto e saber profissional que motiva as duas reflexões que escreveu sobre a arte ou as artes do livro, “instrumento espiritual” que requer “o acordo entre o espírito do texto escrito e o carácter, forma ou desenho do tipo impresso”. O esmero gráfico das edições que dirigiu só poderia dever-se a quem concebia a “plenitude da realização gráfica”, “na harmonia da sua composição, pela beleza e forma dos seus caracteres, pelo acerto e equilíbrio da sua aplicação, movimento, cor, legibilidade”. Compreende-se assim que também se insurja contra o “mau gosto” que domina a edição do livro em Portugal: “textos descuidados pela má escolha de caracteres, aberrações estupendas na selecção de motivos decorativos, de ilustrações, arranjos gráficos de um gosto absurdo, utilização de papéis de inferior qualidade”.

As prosas de Montalvor, só agora inventariadas e vistas em conjunto, contrariam, em boa parte, o juízo atrás referido que sobre elas formulou Óscar Lopes, denunciam a finura

de um observador, crítico ou leitor que persegue o que há de raro e estimulante nos textos ou no real mas se vale mais de voos selectivos do que de mergulhos, ou prefere a impressão genérica à análise minuciosa; e confirmam a imagem que da personalidade do autor dava o conjunto dos seus poemas: um escritor quase bissexto, o oposto do seu amigo Pessoa; um estilista elegante ou requintado, com a obsessão da beleza e o horror à baixeza, na forma como nas ideias; um esteta obviamente formado na leitura das produções da escola mallarmaica, ou da escola decadentista; um homem do *Orpheu* que não consegue escapar a alguns tiques do simbolismo.

Celebrando o amigo com quem polemicara pouco antes da morte dele, por sinal apressadamente vista por muitos como um suicídio, Adolfo Casais Monteiro deixou na revista *Mundo Literário* este elogio: Luís de Montalvor era “de entre os nossos contemporâneos, um daqueles que mais discretamente ocuparam o lugar que lhe pertencia – devemos dizer até: foi daqueles, muito raros, que parecem nem esse querer ocupar” (Monteiro 1947).

O lugar que pertencia ou pertence a Montalvor, poeta, prosador, intelectual, editor, não é decerto um lugar da primeira fila, mas também não é um lugar demasiado discreto, das últimas filas. O seu caso obriga a pensar em misérias e vícios da história e da crítica literária, às vezes preguiçosa, às vezes leviana, às vezes grotesca, que veicula e assume sem discussão qualificações e juízos formulados por outros, despreza, desvaloriza, arruma ou hierarquiza sem argumentos nem conhecimentos, e vê repetição e imitação onde pode haver diferenças criativas (lembrem-se os motivos pessoais que no poema “Narciso” Montalvor introduz no tratamento do velho mito).

E obriga a pensar também na diversidade que pode esconder-se num mesmo movimento nomeado e concebido como unívoco, nas dificuldades e nos preconceitos que frequentemente pesam sobre os autores ou obras com algum hibridismo; simbolista do modernismo ou modernista do simbolismo, Montalvor documenta hesitações e fases por que passaram alguns dos do *Orpheu*, e não só o Pessoa que foi paulista, interseccionista, sensacionalista, futurista, ortónimo e heterónimo...

Empenhado em causas como a da arte indígena, a da arte do livro, a da relação luso-brasileira e a do republicanismo – que entre os do *Orpheu* talvez só ele e Guisado defendessem empenhadamente –, Montalvor em vários dos seus textos em prosa não só se perfila como artista, que, à semelhança do dândi, tenta viver com arte, mas também faz apelos e propostas para que a arte e a beleza se sobreponham à miséria e à fealdade do mundo e da vida.

Bibliografia

Lopes, Óscar (1987), *Entre Fialho e Nemésio*, II, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Montalvor, Luís de (1960), *Poemas*, edição de Petrus, Porto, Parnaso – Jardim de Poesia.

-- (1998), *O Livro de Poemas de Luís de Montalvor*, edição de Arnaldo Saraiva, Porto, Campo das Letras.

Monteiro, Adolfo Casais (1947), “Luiz de Montalvor”, *Mundo Literário*, n.º 44, 8 de Março.

Saraiva, Arnaldo (1983), “Os Órfãos do Orpheu”, *Persona*, n.º 9, Porto: 9-14.

Silva, Manuela Parreira da (2008), “Luís de Montalvor”, in *Dicionário de Fernando Pessoa e do Modernismo Português*, org. Fernando Cabral Martins, Lisboa, Caminho.

Simões, João Gaspar (1974), *Retratos de Poetas que Conheci*, Porto, Brasília.

NOTAS

¹ *O Livro de Poemas* de Luís de Montalvor, edição de Arnaldo Saraiva, Porto, Campo das Letras, 1998. A edição dos *Poemas* de Montalvor que Petrus fizera em 1960 é incompleta e contém vários erros.

² Assinale-se o erro na data de nascimento de Montalvor, que não nasceu em 1892 mas em 1891.

³ João Gaspar Simões assinou com Luís de Montalvor os dois textos a seguir referidos, que aliás usam a primeira pessoa do plural; mas defendeu, muitos anos depois da morte de Montalvor, que eles foram da sua exclusiva autoria: “aproveito para reclamar para mim a autoria da redacção dos dois volumes” (Simões 1974: 128).

⁴ Certamente da autoria de Montalvor, não consideramos a “Nota” anónima que na *Centauro* (1916: 14) antecede a publicação dos “poemas inéditos” de Camilo Pessanha por ser secamente informativa. Mas fica aqui transcrita: “*Os poemas que publicamos do extraordinário poeta que é Camilo Pessanha, foram amavelmente cedidos pela distinta escritora, Ex.ma Sr.ª D. Ana de Castro Osório, e fazem parte do livro inédito que o Poeta confiou à guarda carinhosa dessa ilustre senhora, que em breve o editará, bem como, as traduções para português, das Elegias Chinesas, que constituem um livro de prosa, a publicar. É por tanto esta a única e fiel origem dos inéditos do Poeta*”.